

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

SHAINA PINHEIRO DE MORAIS

O LIVRO-CORPO DE NAGIKO

Um livro de cabeceira

RIO DE JANEIRO

2021

Shaina Pinheiro de Moraes

O LIVRO-CORPO DE NAGIKO: UM LIVRO DE CABECEIRA

Trabalho de conclusão de curso submetido à
Escola de Belas Artes da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Comunicação Visual
Design.

Orientadora: Fernanda de Abreu Cardoso

Rio de Janeiro

2021

RESUMO

MORAIS, Shaina Pinheiro de. **O livro-corpo de Nagiko**: um livro de cabeceira. Rio de Janeiro, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Visual Design) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021

Esse trabalho tem a intenção de idealizar e registrar o desenvolvimento de um livro de artista, ou livro-corpo, baseado no filme “O livro de cabeceira” do diretor Peter Greenaway, usando a interpretação pessoal sobre o filme e sobre o próprio livro de travesseiro de Sei Shonagon e usando como base de interpretação a conferência “O Corpo Utópico” de Michel Foucault. Neste trabalho irá ser focado tanto o processo quanto o resultado final, trazendo como principal o trabalho manual artístico e da escrita.

PALAVRAS CHAVE

Livro de artista; Releitura; Livro de cabeceira; Encadernação; Corpo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O FILME “O LIVRO DE CABECEIRA”	8
2.1 NARRATIVA	8
2.2 ASPECTOS VISUAIS DO FILME	11
2.3 O LIVRO DE TRAVESSEIRO DE SEI SHONAGON	13
2.4 ONDE O LIVRO E O FILME SE ENCONTRAM.....	14
2.5 RELAÇÕES DA TRAJETÓRIA DE NAGIKO COM A CONFERÊNCIA DE “CORPO UTÓPICO” DE MICHEL FOUCAULT.....	14
3 O LIVRO DO ARTISTA	18
4 REGISTRO DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	19
4.1 O CÓDIGO	19
4.1.1 AVALIANDO A FLUIDEZ E SUBSTITUIÇÕES	20
4.2 DEFINIÇÃO DE FORMATO.....	23
4.3 TESTE DE ESCRITA.....	24
4.4 DEFINIÇÃO DOS TEMAS A SEREM ABORDADOS NO LIVRO.....	28
4.5 ROTEIRO SEM ROTEIRO.....	29
4.6 MONTAGEM DAS PARTES	30
4.6.1 MIOLO	30
4.6.2 CAPA	34
5 RESULTADO	36

6 CONCLUSÃO.....37

7 REFERÊNCIAS.....38

1 INTRODUÇÃO

Sempre apreciei trabalhos inusitados, diferente do que era o diferente, algo que a pessoa precisou elaborar muito para chegar até ali, e por isso choca as pessoas.

Imagino o diretor de filmes britânico Peter Greenaway como uma pessoa que pensa diferente do que a sociedade do seu tempo esperava, transformando ele em um artista (não que isso seja uma condição).

Seu filme “O Livro de Cabeceira” de 1996, é uma obra que, com certeza, se destaca em todo seu cenário, assim como o livro de travesseiro de Sei Shonagon, que em sua época não era incomum uma mulher em suas condições possuir um diário, mas este perdurou por mil anos, é lido até hoje e, inclusive, inspirou um filme.

Eu sabia que queria fazer um trabalho sobre corpo, sobre sua existência, sobre sua realidade. Não me importava muito como esse corpo seria, e nem se seria um corpo, o que eu desejava era seu processo de descoberta. Eu também sabia que meu trabalho seria manual, muito provavelmente um livro, mas não um qualquer, e nem se teria forma de livro, ou de corpo. A encadernação sempre foi uma paixão e agora uma profissão. Um livro do artista foi o projeto que mais se encaixou ao que eu imaginava.

Já tinha todo o complexo do corpo em filme, já tinha a ideia de livro e suas costuras, mas eu precisava de algo que traduzisse a vida da personagem principal, Nagiko, o que era corpo e o que era livro.

“O corpo utópico”, de Michel Foucault, veio antes mesmo do filme ou da encadernação, e este texto na verdade uniu a ideia de corpo, costura e existência há alguns anos atrás na minha vida. Sem que eu percebesse, eu voltei ao mesmo tema que o corpo utópico fez nascer em uma disciplina cursada sobre livro de artista.

Aqui irei idealizar e registrar o desenvolvimento (que tem sua importância acima da do resultado final, já que estamos falando de uma vida, e não do final dela) de

um livro-corpo baseado no filme “O livro de cabeceira” do diretor Peter Greenaway, me inspirando no livro de cabeceira de Sei Shonagon, e, mais do que tudo, a minha visão sobre a vida conturbada, mas determinada, de Nagiko.

O livro carregará características visuais presentes no filme, mas não necessariamente serão semelhantes, e trará como principal o trabalho manual artístico e da escrita, fazendo a relação entre os livros-corpo que ela realizava e o seu livro de cabeceira, que será feito por mim.

Apresento-lhes o começo desta trajetória, com alguma influência de Foucault e muita interpretação da minha parte, que mostrará a vida dos 28 anos de Nagiko e a sua busca em conseguir escrever o seu próprio livro de cabeceira, assim como fez Sei Shonagon, há mil anos atrás.

Um projeto que é livro, mas também é corpo (como você bem preferir).

2 “O LIVRO DE CABECEIRA”

2.1 NARRATIVA

O filme “O livro de cabeceira” (The Pillow Book), dirigido por Peter Greenaway e estrelado por Vivian Wu, conta o decorrer dos 28 anos de Nagiko, uma mulher japonesa que usa corpos masculinos para escrever seus 13 livros.

Na sua infância, era realizada uma tradição em sua família, onde seu pai, escritor e calígrafo, contava a história de como o primeiro homem de barro foi moldado por deus. Eles encenavam o ritual em que deus escrevia sobre o modelo, no caso na própria Nagiko, e, se ficasse satisfeito com sua obra, assinaria com seu nome. Após outro ritual, na noite do seu quarto aniversário, descobriu que seu pai era molestado pelo seu editor, e nessa mesma noite sua tia lhe apresentou o livro de travesseiro de Sei Shonagon e a encorajou a escrever o seu próprio.

Nagiko começou o seu livro de cabeceira na mesma época em que conheceu seu futuro marido na gráfica onde o editor de seu pai trabalhava. Anos depois, o casamento foi arranjado pelo editor e realizado. No seu primeiro aniversário depois de casada, seu marido se recusou a realizar o ritual de escrita em seu corpo.

Certo dia ele a flagrou escrevendo em seu livro de cabeceira e irritado com o que leu nele o queimou, ridicularizando-a, e ela, para se vingar, queimou a casa em que moravam. Por causa do que fez teve que fugir, indo para Hong Kong.

Lá ela começou como garçonete e auxiliar de cozinha vivendo uma vida simples para se esconder de seu marido e sua família, e em todos os aniversários continuava com a frustração de não conseguir realizar o ritual que tinha com seu pai. Conseguiu um emprego melhor trabalhando em um escritório de moda e também logo começou a modelar em passarelas.

Isso abriu seu leque de pretendentes. Nessa idade já procurava calígrafos para poderem ser seus amantes (influenciada pelos amantes que Sei Shonagon descrevia em seu livro), e, assim, escreverem em seu corpo.

Em um bar (Café Typo) que ela costuma frequentar conhece Jerome, um escritor e tradutor que fala quatro línguas. Ela pede para que ele escreva em seu corpo, mas a caligrafia dele é péssima e por isso ela o dispensa. Contudo, Jerome não a deixa ir e pede para que ela o ensine como deve fazer, oferecendo sua pele para que ela o faça. Nagiko detesta a ideia de primeira e abandona Jerome no bar.

Com essa ideia implantada na mente, ela começa a testar em outros amantes. Em um deles, escreve enquanto ele está adormecido e chama o fotógrafo que ela conheceu durante seu trabalho como modelo para registrar esse momento e ele a encoraja a publicar.

Eles, então, fazem esse livro com fotografias de corpos e enviam para um editor, que era o mesmo que o editor de seu pai que, atualmente, por motivo desconhecido, está na China, e, não muito tarde, zomba de seu trabalho.

Nagiko vai até a gráfica e acaba descobrindo que este é o editor de seu pai e lá também vê Jerome saindo de sua sala (o homem que ela dispensou pela péssima caligrafia) e percebe que eles têm um relacionamento sexual assim como este editor tinha com seu pai (sexo em troca de publicações).

Mais tarde, ela se aproxima dele novamente, fingindo querer alguns trabalhos de tradução com a intenção de conseguir um acesso melhor e mais fácil ao editor.

Eles começam um relacionamento e realmente se apaixonam. Em um momento, quando ela finalmente confia nele, ela conta sobre seu pai e suas próprias ambições de virar escritora, e Jerome realiza o ritual que ela tinha com o pai. Posteriormente, ela comenta que o editor a dispensou e Jerome se oferece como “sacrifício”, como o portador do livro para que o editor leia diretamente em sua pele.

Este é o primeiro livro de 13, e, assim que o editor o vê, ele se apaixona e logo pede para ser transcrito. Após o sucesso, ele pede para que Jerome saia com ele e eles acabam tendo relações sexuais, sendo flagrados por Nagiko quando ela vai atrás de Jerome por causa de sua demora.

Por estar apaixonada, ela fica desolada ao vê-los, corta relações com seu amado e escreve mais quatro livros em homens diferentes. Jerome fica inconformado com ela escrevendo em outros corpos e pede ajuda para o fotógrafo, que sugere algo dramático no estilo Romeu e Julieta.

Ele oferece pílulas para enganar Nagiko nesse teatro, e logo Jerome invade a casa e começa a tomar os comprimidos, perdendo o controle e se embebedando, inclusive, com o nanquim que ela usa para escrever. Nagiko o vê deitado na cama e pede desculpas, pensando que ele está dormindo, mas logo descobre que ele está morto.

Ela escreve, então, o sexto livro no corpo morto de Jerome e ele é enterrado com as escritas em sua pele. O editor, ao descobrir que seu amante está morto e que há um livro escrito sobre sua pele, pede que o corpo de Jerome seja exumado às escondidas.

Um grupo de pessoas realiza a retirada da pele, a escaneia e transforma em um livro, que vira um livro de cabeceira do editor, guardado em seu travesseiro. Nagiko, ao descobrir que o corpo do seu amado foi profanado, resolve escrever o resto dos treze livros que prometeu a Jerome e mandá-los para o editor em troca do livro de cabeceira que ele fez do corpo.

Ao perceber que esses livros chegam, o editor começa a se sentir tenso e ansioso esperando o que virá no próximo, pois eles contêm mensagens subliminares ao invés de um grande texto como anteriormente, mas, dentre todos os livros recebidos, ele se recusa a entregar o livro de Jerome.

O último livro, diferente dos mais recentes, carrega um grande texto, onde Nagiko finalmente se apresenta (pois, até então, ele não sabia que a escritora era ela) e

enumera todos os crimes que ele cometeu contra seu pai, contra seu marido, contra Jerome e contra ela mesma, finalizando ao dizer que o tempo de vida dele já foi o suficiente e ele aceita seu destino. O editor se despede do livro de Jerome e o entrega ao décimo terceiro livro, que o matou cortando sua garganta.

Na cena final, vemos Nagiko vestida com uma Yukata, de volta ao Japão, com uma filha nos braços e o livro de Jerome em mãos. Ela, então, enterra o livro embaixo de um Bonsai.

Este é o dia do seu aniversário de 28 anos e agora ela diz que tem experiências suficientes para escrever o próprio livro de cabeceira. Com sua filha nos braços, ela a amamenta, mostrando o corpo coberto de tatuagens de flores e escritas japonesas. Logo após, ela inicia o ritual de pintura de rosto em sua filha, recitando o mesmo que seu pai e, assim, estando em paz novamente.

2.2 ASPECTOS VISUAIS DO FILME

“O livro de Cabeceira” carrega uma linguagem visual bem diferente dos filmes tradicionais. Não existe uma regra, parecendo que o diretor seguiu o que sentia de acordo com a sensação que ele queria que cada cena passasse.

As cenas variam desde tela em preto e branco e uma única coisa num tom colorido até uma tela onde existem cenas sobrepostas acontecendo. Peter Greenaway brinca muito com enquadramento e sobreposição, às vezes tendo uma cena no fundo e um quadradinho pequeno no canto mostrando outra situação. Também há uma cena distinta que segue o mesmo padrão: uma situação de fundo e outra ocupando quase metade da tela, sobrepondo o que acontece atrás, em certas ocasiões nos impedindo de ver o que ocorre.

Estas cenas sobrepostas foram uma grande influência para a escolha do filme como referência interpretativa para meu projeto de conclusão. Essa linguagem que o diretor escolheu para nos mostrar o que acontece não foi com intenção narrativa, mas sim para que você pudesse ver mais do que seus olhos poderiam enxergar através de uma tela. Trazer a ideia de imersão.

Há cenas em que o que está sobreposto não é outra cena que ocorre na vida de Nagiko, mas sim a página de um livro ou uma paisagem que encaixe no contexto dito, até mesmo cenas da vida de Sei Shonagon quando ela lê trechos do livro dela ou de como ela imagina que a vida dela teria sido. Esse tipo de linguagem, na maioria das vezes, não acrescenta nada à narrativa, mas sim a nossa imersão dentro dos pensamentos de Nagiko, uma ajuda para conseguir entrar na cabeça dela, mas não necessariamente compreender.

Há também uma certa aleatoriedade nos eventos que o diretor não se importa em explicar e, provavelmente, esta é a intenção. O primeiro encontro entre Nagiko e Jerome é em um bar que não se sabe o nome, nem se sabe como aconteceu, nem se sabe porquê Jerome estava ali e como Nagiko descobriu o que ele faz, mas está ali. Assim como não se sabe o porquê de o editor estar também na China sendo que ele era o editor de seu pai no Japão.

Não existe um jogo de cenas aí, mas o fato de algo não ser explicado e estar simplesmente jogado no filme é uma maneira de dizer que está faltando um pedaço na história e que essa falta não importa de verdade.

A falta de pudor com a nudez é algo sempre presente no filme. Para que você iria ter pudor com as páginas de um livro? No decorrer do filme você entende que é disso que se trata a pele humana: nada mais do que folhas para serem preenchidas. O corpo sendo presente como um canal para que Nagiko pudesse deixar escapar o que existia dentro dela e que não conseguia colocar em folhas comuns.

A intenção para este livro do artista é conseguir usar essa linguagem que o diretor trouxe dentro do filme para tentar conseguir passar o mesmo sentimento de imersão que conseguimos ter dentro da obra. Este tipo de linguagem foi, inclusive, o maior dos motivos para eu precisar de um novo nicho dentro do livro do artista.

O jeito com que as cenas foram apresentadas me fizeram sentir que o livro de cabeceira que a Nagiko queria tanto escrever nunca poderia ser só um livro, com páginas de folhas brancas e uma capa genérica, mas sim um livro que represente a sua trajetória como folha, como pincel e como corpo.

2.3 O LIVRO DE TRAVESSEIRO DE SEI SHONAGON

Sei Shonagon foi uma dama de companhia da Imperatriz Teishi, durante o período Heian, por volta do final do século X e provavelmente seu livro foi escrito no início do século XI.

Seu livro é escrito em Soshi (ou zuihitsu), este sendo um gênero literário próprio do Japão que não tem forma nem tema, é literalmente escrever qualquer coisa que tiver vontade, não precisando seguir normas, dando uma grande liberdade ao escritor.

Seu livro não possui uma ordem cronológica, fugindo da ideia de diário. Ela registrava todos os tipos de eventos ou situações da corte, listava flores e pássaros que achava dignos de se apreciar, fofocas, eventos históricos, suas opiniões de forma espalhada, narrativas do cotidiano, muitas e muitas listas sobre os mais diversos temas e etc.

2.4 ONDE O LIVRO E O FILME SE ENCONTRAM

Como dito anteriormente, quando criança, Nagiko foi encorajada a escrever seu próprio livro de cabeceira e ela manteve essa tradição durante o filme. Com o decorrer da trama, o livro físico fica escondido, aparecendo em momentos chaves, mas durante a narração do filme, que é feita pela própria Nagiko, ela menciona várias vezes a Sei Shonagon, como se fosse uma guia ou um exemplo a ser seguido.

Sua descrição de eventos e listas e a maneira como ela vivia a vida, sempre procurando o belo, são grandes influências deste livro de travesseiro, tendo bastante carga para o enredo.

Este filme tem como intuito narrar a vida dessa mulher para que ela possa preencher o seu próprio livro de cabeceira. Não é um filme com história, é um filme com narrativa, onde ocorrem acontecimentos, e estes são escritos nas páginas que ela guarda junto da onde encosta a cabeça, assim como as damas tinham o costume no período Heian.

Um livro que não pode ser um diário por falta de cronologia, mas também nem pode ser um conto por falta de contexto. É um texto livre que não conta muito, mas que ainda sim mostra a história de uma menina que quer virar escritora e também conta a história de seu primeiro livro.

2.5 RELAÇÕES DA TRAJETÓRIA DE NAGIKO COM A CONFERÊNCIA DE “CORPO UTÓPICO” DE MICHEL FOUCAULT

Nagiko tem uma grande questão com seu corpo em grande parte do filme e, no decorrer da narrativa, isso se passa para outros corpos como o de Jerome e seus outros livros, no final voltando para si mesma.

Michel Foucault realizou uma conferência em 1966 que foi publicada como texto no livro “O Corpo Utópico, As Heterotopias”. O texto de “O Corpo Utópico” em si já nos traz a alusão que desejo passar ao desdobrar o filme através de Nagiko e sua busca, uma que ela nem sabe que está realizando.

Na conferência ele fala da fuga do corpo através de utopias criadas a partir dele mesmo, onde ele dá voltas pelo pensamento de que o corpo é uma casca indesejada que não pode ser perfeita, até onde a inconsciência deste o torna perfeito por si só.

A relação da visão de Foucault com a de Nagiko é muito linear, mas também subjetiva, já que acredito que todos passam pelas problematizações que Foucault aborda, mas sobre pontos de vista diferentes, já que ninguém tem o mesmo corpo que o outro.

Na conferência, são abordadas primeiramente três utopias onde se encontra o corpo: o mundo feérico, o cadáver e a alma. Mas essas utopias seriam só fugas do próprio corpo.

No filme, estas aparecem em um mesmo lugar: dentro do livro de Sei Shonagon. Para Nagiko, este livro aborda o mundo feérico, apresentando somente as coisas bonitas do mundo ou que valem a pena ser descritas e comentadas; aborda o cadáver, pois o livro teria 1000 anos de idade quando ela tivesse seus 28 anos, e essa ideia de livro como objeto representa a imortalização em uma lápide, pois o corpo ainda é lembrado e sua identidade também; e, por fim, a alma, que é o conteúdo existente no livro por gerações e gerações, podendo mudar a forma como é apresentado e até escrito, mas nunca violado e por mil anos apreciado, e mesmo com suas mudanças de estruturas continuará puro, pois as palavras são a essência do que habitou o corpo, sua alma.

Após a morte de seu pai, Nagiko tem a recusa de seu marido de realizar o ritual de escrita no corpo em seu aniversário, ela tenta escrever em seu próprio rosto, mas

não consegue realizar ela mesma nem com o auxílio do espelho (quebrando a ideia de utopia do corpo quando esta se vê nele, sua frustração tornando o corpo em algo real). No decorrer dos anos ela continua a tentar de outras formas, mas falha, por fim desistindo de realizar o ritual. Esta é uma das formas como o espelho se apresenta no filme.

O espelho aparece de novo de uma maneira bem peculiar quando Nagiko começa a escrever em homens ao invés de pedir para estes escrevam nela. O corpo do outro por si só se torna um espelho, pois aquilo que antes lhe dava prazer e era desejado a ser executado em seu próprio corpo agora é visto no corpo de outros.

Jerome se torna seu espelho, seu amante, e mais tarde cadáver, quebrando todas as ideias de utopia que o livro antes lhe trazia. Após a morte de Jerome, a representação da utopia da lápide volta quando ela escreve o sexto livro “O Amante” em seu corpo morto. A alma também retorna quando o editor retira a pele de Jerome para fazer o livro, ali vivendo em mundo dos vivos a sua essência. Mas neste caso essas representações são apenas o que são, pois não há mais utopias para Nagiko.

A única constante no filme, que é citada somente no final de “O Corpo Utópico”, é o fazer o amor. Foucault fala do amor entre amantes, que é através destes toques que você se perde na busca pelo corpo utópico, esquece que é corpo em si, e é quando isso acontece que você inconscientemente sabe que o corpo está aqui.

Acredito que no filme esse amor não seja só representado pelos amantes. Em grande parte, sim, com os calígrafos e com Jerome, existia essa busca por um homem que fosse um bom calígrafo e também bom amante, o prazer do pincel em contato com a pele. Mas tanto no início como no final temos o amor parental, representado pela tradição demonstrada entre pai e filha e o amor entre Nagiko e sua filha.

A conexão entre os amantes, o toque, é o que nos traz de dentro dessa busca de utopia e nos faz ter a consciência de corpo, de estar presente, e esse toque, mesmo que

não seja sexual, é um toque de amor, um toque que desperta a consciência, trazendo o nosso corpo para o aqui.

Talvez seria preciso dizer também que fazer o amor é sentir seu corpo se fechar sobre si, é finalmente existir fora de toda utopia, com toda a sua densidade, entre as mãos do outro. Sob os dedos do outro que te percorrem, todas as partes invisíveis do teu corpo se põem a existir, contra os lábios do outro os teus se tornam sensíveis, diante de seus olhos semiabertos teu rosto adquire uma certeza, há um olhar finalmente para ver tuas pálpebras fechadas. Também o amor, assim como o espelho e como a morte, acalma a utopia do teu corpo, a cala, a acalma, a fecha como numa caixa, a fecha e a sela. É por isso que é um parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte; e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o rodeiam, se gosta tanto de fazer o amor é porque, no amor, o corpo está aqui. (FOUCAULT, 1966)

O toque do amor é a única forma de entender de que o seu próprio corpo não é uma mera ilusão além do cadáver e do espelho. Qualquer tipo de toque não significa o mesmo, pois você não está entregue completamente, você não está consciente e ao mesmo tempo inconsciente deste toque, não há essa certeza velada, mas real, de que o corpo é e está.

3 LIVRO DO ARTISTA

Um livro de artista contém várias definições e formas de interpretação. Neste caso, este é um livro de artista onde um artista é o autor e também um livro-obra, que é uma arte que depende da estrutura de um livro. Senti a necessidade de criar uma nova definição para este tipo em específico, que é o **livro-corpo**.

Este seria um livro que, para uma imersão mais plena de compreensão e interpretação, ele precisa estar conectado à ideia de corpo, como se fosse um corpo vivo ou represente um, e que para descobri-lo como corpo é preciso olhar, tocar, desdobrar e amar. Sendo, assim, um nicho bem específico dentro do livro de artista.

A própria Nagiko é uma artista realizando esses livros-objeto (e livros-corpo), onde as páginas são as faces dos corpos de seus amantes, muitas vezes tendo que ser “folheados” para uma ampla interpretação deste. Seu conteúdo, contudo, nem sempre era de grande quantidade, mas carregava um grande significado que só podia ser interpretado para quem a obra está sendo dirigida.

A estrutura do livro foi escolhida como a forma de releitura do filme por causa do significado que este objeto carrega dentro da própria obra. O livro começa no filme com a estrutura convencional e, conforme o decorrer dos acontecimentos, as escritas se tornam anotações nos próprios corpos, até que o livro em si saia dessa estrutura de papel e vire independente do físico (folhas), mas não do visual (imagens e texto).

4 REGISTRO DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE LIVRO-CORPO

A intenção desse projeto é registrar os erros e acertos ao fazer este livro-corpo e todo o seu processo. Como dito anteriormente este livro será feito todo artesanalmente, focando neste fazer manual e na escrita artística.

A escolha do papel, o modelo do livro, o design da capa e outros detalhes serão inspirados no tipo de vida que a Nagiko viveu, suas escolhas e seus ideais.

4.1 O CÓDIGO

Uma das primeiras coisas que percebi é que apesar da origem de Nagiko, esse não era um filme japonês. Como já falamos esse filme foi dirigido por um diretor britânico e teve seu lançamento na Europa, onde o japonês não é uma língua presente e muito menos falada de maneira fluente por cidadãos comuns. Mas também não existiria um motivo plausível para que a Nagiko escrevesse em outro idioma se não em sua língua mãe, tanto que começamos a ver o alfabeto romano aparecer só quando Jerome entra em cena.

Esse filme foi feito para pessoas que não sabiam falar japonês, como eu, que não sabia quais palavras estavam presentes nos livros-corpo e cabia a interpretar o que poderia ser pelo título e pela reação das pessoas.

Então foi decidido de que não faria sentido esse livro ser escrito com o alfabeto romano, pois a intenção é de que esse livro seja ilegível para alguém de fora do ambiente que este vive. No filme ela usava tanto Kanjis chineses quanto japoneses, pois dependia do calígrafo da vez, tanto que com Jerome passou a existir outros alfabetos.

A ideia de criar um código para este livro foi com a mais pura intenção estética e misteriosa que isso traz. Só há um momento do filme em que algum personagem se interessa em dizer o que realmente está escrito em algum dos livros, que é quando o editor morre.

Nagiko discursa em terceira pessoa o que ela escreveu e que fez com que o editor decidisse entregar o livro de Jerome e aceitar seu fim. Em todo o resto do filme não importa o que está escrito de verdade. Quando posto em papel o livro foi rejeitado. Quando apresentado em seu escopo original, o corpo, ele foi aplaudido, e é essa a imagem que o filme passa, de que a essência é o importante, não o conteúdo em si.

A inspiração para a criação do código veio da escrita Soshi (gênero literário japonês que não segue regras, permitindo que a escrita saia com fluidez, apelando para o estético), usada por Sei Shonagon em seu livro de cabeceira. Com isso decidi que a código teria que ter também um movimento fluido, mas ao mesmo tempo parecer um alfabeto, pois Nagiko no decorrer da vida engloba outros alfabetos às suas artes.

Comecei por fazer rabiscos aleatórios com as mãos. O que mais caracteriza o gênero Soshi é a fluidez do seu traço, não há tanta importância com a legibilidade, o importante é o movimento. Então baseei meu código nos movimentos naturais da minha mão, em como ela se comportava e trabalhava sem ter algo realmente a escrever. A partir daí eu recortei pedaços e transformei nos símbolos.

4.1.1 AVALIANDO A FLUIDEZ E SUBSTITUIÇÕES

Aqui irei mostrar o processo, com imagens, o início das adaptações e como isso foi se desenvolvendo até chegar a algo que me agradasse.

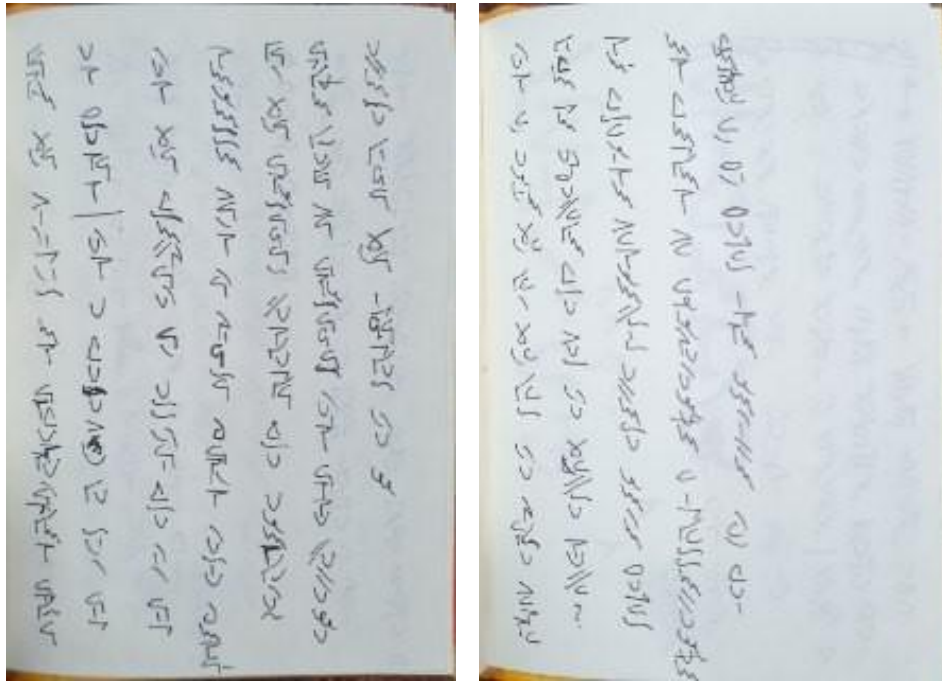


Figura 3: teste de comportamento dos símbolos em conjunto

Neste outro já há alguns movimentos preferidos que se saíram de uma maneira confortável e foram encaixados como palavras. Se parecia com um código, mas não com um alfabeto, e essa é a intenção. O objetivo era algo novo onde as pessoas não conseguissem identificar em um primeiro olhar.

A: U	G: //	M: ˘	S: ƒ	Y: 3
B: //	H: ①	N: ˘	T: ƒ	Z: ˘
C: ①	I:	O: ˘	U: ˘	Ç: ①
D: ˘	J: ˘	P: ˘	V: 9	
E: ①	K: ˘	Q: 8	W: ①	
F: ①	L: ˘	R: ˘	X: ①	

Figura 4: código finalizado

Este já foi o alfabeto estabelecido, onde acentos e outras características usadas na nossa língua foram adaptadas na hora da escrita.

4.2 DEFINIÇÃO DE FORMATO

Houve bastante dúvida para decidir o formato do livro, pois é apresentado ao início tanto o livro de costura interna quanto de costura externa. Os livros fabricados na editora na primeira cena em que é apresentada são de costura japonesa. Já o livro de Sei Shonagon seria uma costura interna, bradel ou francesa, o famoso livro de capa dura. E há também num momento mais tarde o livro sanfonado, no qual é escrito o livro do amante de Jerome.

A costura japonesa foi descartada logo de início pois não vi tanta relevância em trazê-la e com certeza limitaria a forma como o livro poderia ser lido.

Apesar da costura interna ser um elemento forte no filme devida a presença do livro de Sei Shonagon, de outros diversos livros que ela lia e do próprio livro de cabeceira que ela tentou ter no tempo em que ela esteve morando com o marido, eu também acredito que esta costura limitaria a experiência com o livro-corpo, pois não há o maleável, não há a fluidez do próprio livro. No filme o corpo é flexível e está em constante movimento, então eu não poderia prender o livro de modo algum.

Foi então decidido que seria o livro sanfonado. Por já ter experiências com esse tipo de dobra, eu sei que pode ser um pouco difícil de ser manuseado e lido de maneira mais casual, podendo cair e abrir um livro com metros de extensão de papel. Ele ainda é algo pessoal e de muito valor sentimental, então não é do meu agrado que ele seja algo de difícil manuseio.

Assim decidi mesclar a swen boards binding com o livro sanfonado. Essa costura permite que o livro abra em 180° pois a área da capa que se encontra com a lombada não é fixa, então quando o livro é aberto essa lombada se afasta do livro, auxiliando a abertura. A costura fixa será tirada de cena e a sanfona irá entrar.

O livro terá a abertura 180°, a firmeza para ser segurado e possibilitar a escrita, mas também ele pode ser aberto e desbravado e interpretado em um cenário mais amplo observando as diversas páginas em conjunto.

4.3 TESTES DE ESCRITA

Foram realizados os primeiros testes de escrita em uma boneca de tamanho menor para realmente só se ter uma ideia de como a escrita iria se comportar no papel escolhido, sendo realizada com o pincel, pois foi decidido de que a maneira de fazer a escrita (pincel e aguada) se manteria.



Figura 5: testes com pincel, tinta e tipos diferentes de papéis

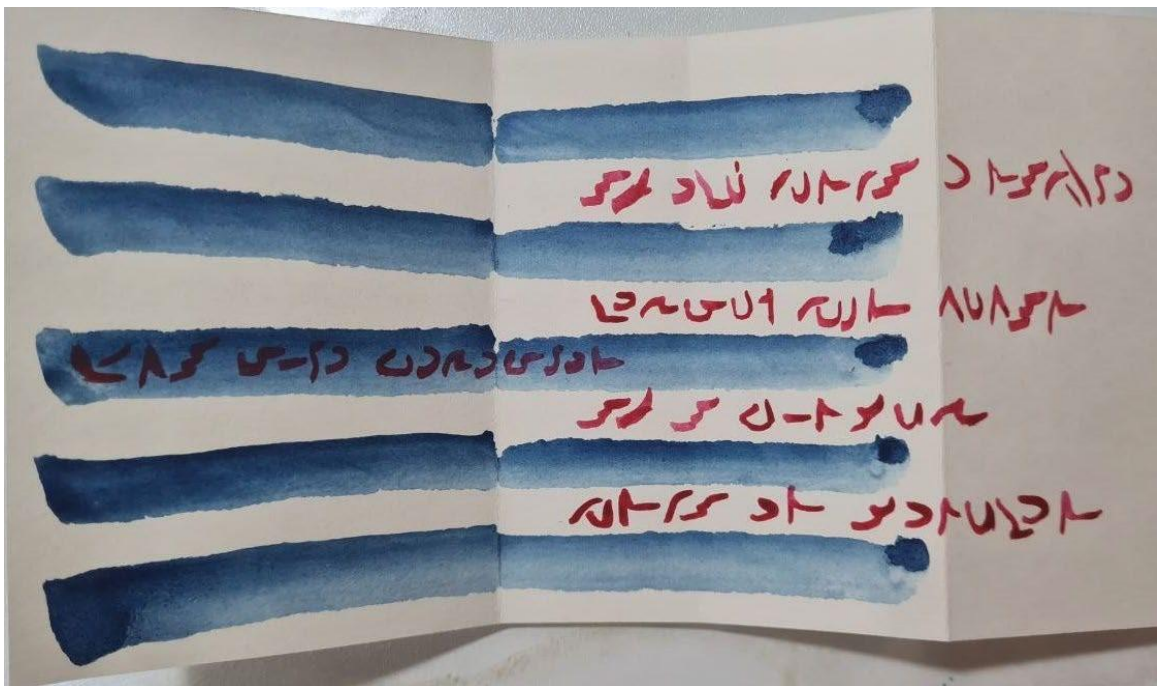
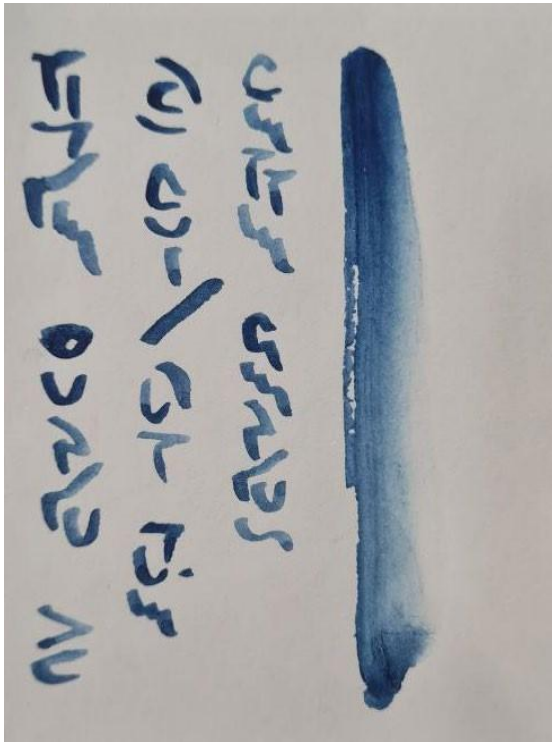


Figura 6: continuação dos testes com pincel, tinta e tipos diferentes de papéis

Depois foram realizados testes em bonecas de tamanho maiores para definição de tamanho do pincel e como a tinta poderia se comportar com outros tipos de papel.

התאמתם לראות את הילד הזה
אולי תראו אותו בחדר הלידה
אולי תראו אותו בחדר הלידה
אולי תראו אותו בחדר הלידה
אולי תראו אותו בחדר הלידה
אולי תראו אותו בחדר הלידה
אולי תראו אותו בחדר הלידה
אולי תראו אותו בחדר הלידה
אולי תראו אותו בחדר הלידה
אולי תראו אותו בחדר הלידה



התאמתם לראות

Figura 7: primeiros testes na boneca com posicionamento de foto e tinta preta

com o tamanho de 13cm x 19cm, um formato similar ao padrão de cadernos estilo livro e que é o mais presente nos livros do filme.

4.4 DEFINIÇÃO DOS TEMAS A SEREM ABORDADOS NO LIVRO

Pelo o filme ter uma narrativa visual, há muitos elementos para se trabalhar sobre a vida da Nagiko. Quando há uma história a se contar, os cenários mais básicos da vida da pessoa são deixados de lado, focando nos objetivos que estão nos holofotes. Mas este filme não é assim.

É como se o próprio filme fosse o livro de cabeceira da Nagiko, onde ela narra acontecimentos, faz listas, descreve o que ela aprecia, e conta histórias, triste ou felizes, se aproveitando do visual que está sendo apresentado.

O centro do filme são os livros que ela escreve, são como eles influenciaram a vida dela da melhor e da pior maneira possível, mas os livros não são lidos. Quem sabe ler o idioma consegue pegar algumas coisas que são apresentadas ali, mas não há como realmente ler, e a única coisa que sabemos sobre a temática deles é o título de cada livro.

Decidi que eu faria da mesma forma. A ideia de estrutura do livro é que ele seja firme, mas maleável, como um corpo. Quero que ele carregue essa ideia, mas os temas serão tudo, menos o corpo. Eles serão tudo ao redor, de coisas importantes e outras que não são tão percebidas. Será narração, partes importantes de sua vida, mas também listas de afazeres e objetos, nomes de lugares e de pessoas, sensações, frases de outros e de si mesma.

4.5 ROTEIRO SEM ROTEIRO

Há um roteiro, pois ainda é um projeto a ser montado e eu só estou assistindo a vida da Nagiko, não estou vivendo, então se faz necessário. Mas apesar disso ele existe como um guia dos temas que serão abordados no livro, a intenção é que cronologia não seja importante, então terão acontecimentos e observações de momentos diferentes da vida na mesma página.

Roteiro:

- Quando Deus fez o primeiro modelo de barro de um ser humano, ele pintou os olhos, os lábios e o sexo. Então ele pintou o nome de cada pessoa para que o dono nunca se esquecesse. Se deus aprovasse sua criação ele traria o modelo de barro a vida assinando seu próprio nome. / arigatou (obrigado em japonês)
- O cheiro da vela queimando a noite. Um livro de quase mil anos. As divisórias dos quartos. A fumaça.
- O silêncio. Muito bem-vindo por todos, mas nem sempre.
- Meu pai nos protegeu da verdade assinando seu nome.
- A garota que comprou doces em seu aniversário.
- E também conheceu alguém de seu futuro. / eu e o futuro • Um casamento tradicional que estava fadado ao fracasso.
- Este foi meu primeiro incêndio.
- Minha mãe / eu / meu marido / minha tia
- Me mudei para Hong Kong
- Lista chinesa: Barulhos de panelas. Aprimorar meu chinês. Máquina de escrever. Telefone tocando. Chapéus e vestidos. Cafe Typo.
- Não compreendo o uso de couro em lugares quentes. Também não compreendi meu sequestro.

- O cheiro de loção para mãos não é desagradável.
- “Use meu corpo como as páginas de um livro. Do seu livro”
- Os Mamilos como botões. A sola do pé como um livro aberto ao meio. O umbigo como o interior de uma concha. Uma barriga como uma tigela virada. Um pênis como um pepino.
- Hoki: o mata borrão.
- Avistei Jerome e o editor na fábrica, depois fui encontra-lo no cafe typo.
- Arigatou.
- O Sacrifício / loiro um e loiro dois / o homem de fralda / a tigela virada
- O amante
- Este foi o meu segundo incêndio.
- O mensageiro / o que precisa ser montado/ a barganha / língua de tinta / aquele que não viu / o esquecido / o tempo
- Chuva morna caindo. Caminhando devagar vestida de vermelho. Pensando em Kyoto. Beijada pelo amante no jardim matsuo tiacha. Agua quieta e agua barulhenta. Amar a tarde imitando a história. Pele em cima da mesa de escrever. Escrevendo sobre o amor e o encontrando.

4.6 MONTAGEM

4.6.1 MIOLO

A intenção é que esse livro saia o mais fluido possível, mas ao mesmo tempo Nagiko não gosta de garranchos e tem um apelo estético muito grande. Resolvi equilibrar os textos quando necessário para haver essa beleza e deixar para que o trabalho do fluido ficasse por conta do código.

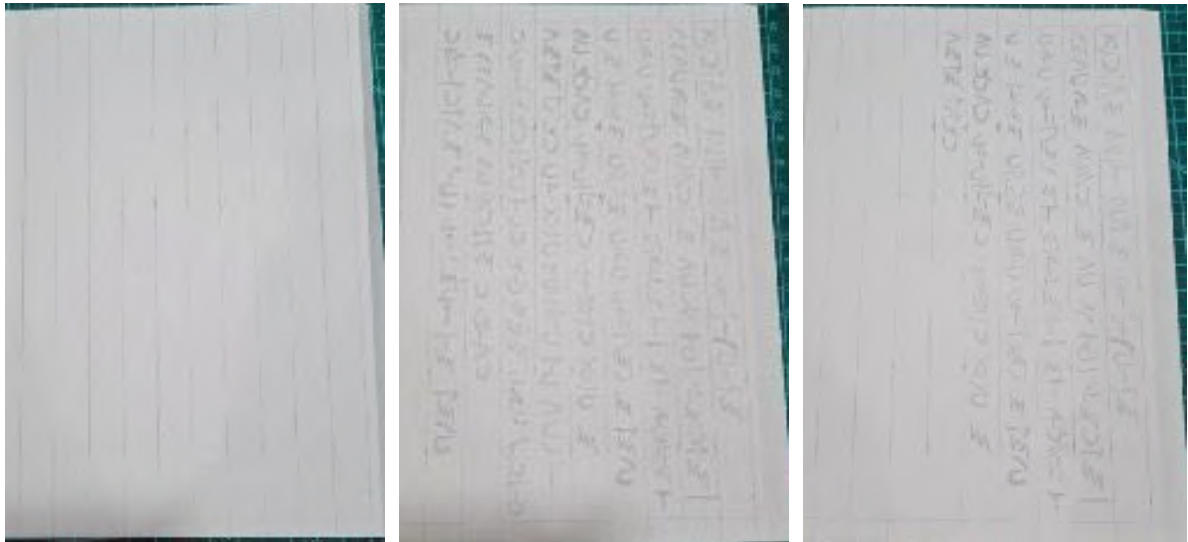


Figura 9: medição para posicionamento do texto

Depois de uma análise naqueles primeiros testes eu senti que os textos ainda precisavam ser melhor desenvolvidos esteticamente e o livro parecia muito cru, a ideia de corpo não existia para mim. Apesar da palidez da pele de Nagiko se assemelhar ao papel, a vida dela não parecia estar presente.

Depois dessa análise resolvi adicionar uma textura ao papel. Escolhi a aquarela para adaptar essa pele a algo mais vivo. Criei um fundo ocre claro e trouxe um caminho aquarelado com um ocre mais forte.

A representação do filme é bem escura, a maioria das cenas são mais sombrias e o jogo de luz é trabalhado dessa forma, mas a própria Nagiko é a representante de cores mais calmas e suaves no filme, como o apartamento todo branco, sua escolha de roupas e ao final do filme quando ela faz uma lista que ela coloca no livro de cabeceira dela o tom das cenas fica mais claro.

Terei então esses tons escuros e sombrios de sua vida do livro tentando trazer também uma luz através da cor ocre, não deixando cru como uma folha em branco.

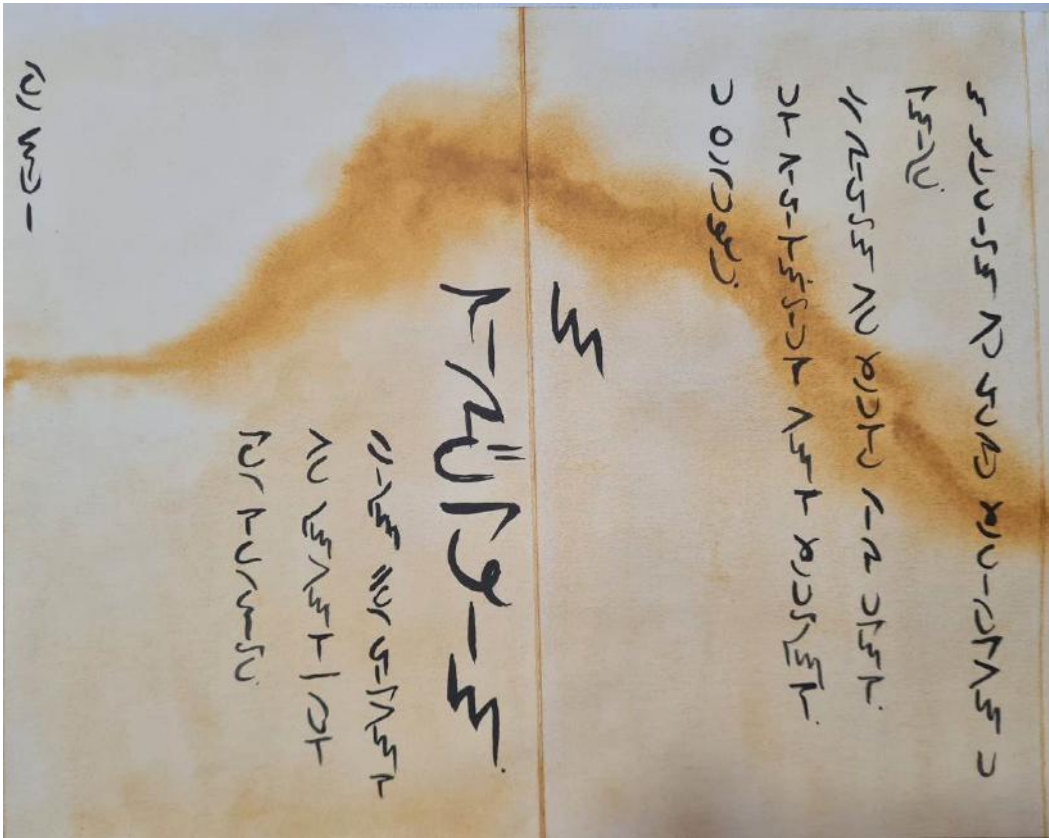


Figura 10: testes da execução da pintura de textura e cor

As fotos foram reposicionadas e a impressão testada em novos papéis.

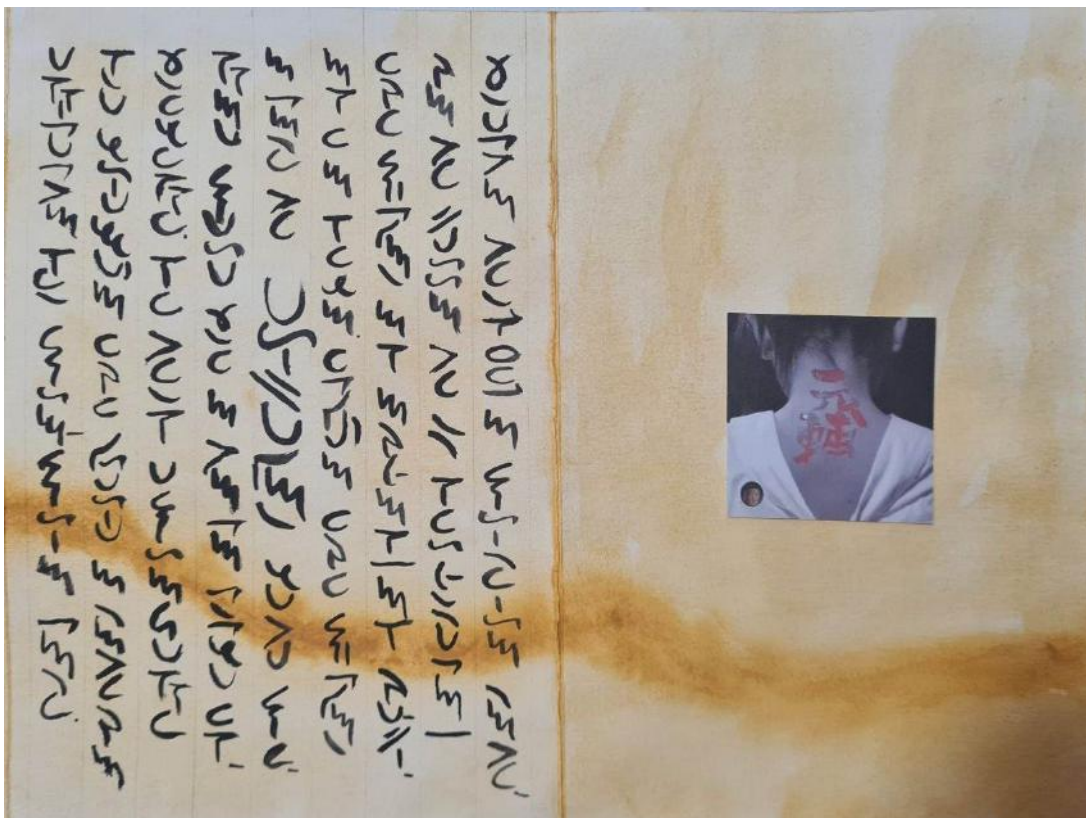


Figura 11: testes em novos papéis para impressão das fotos

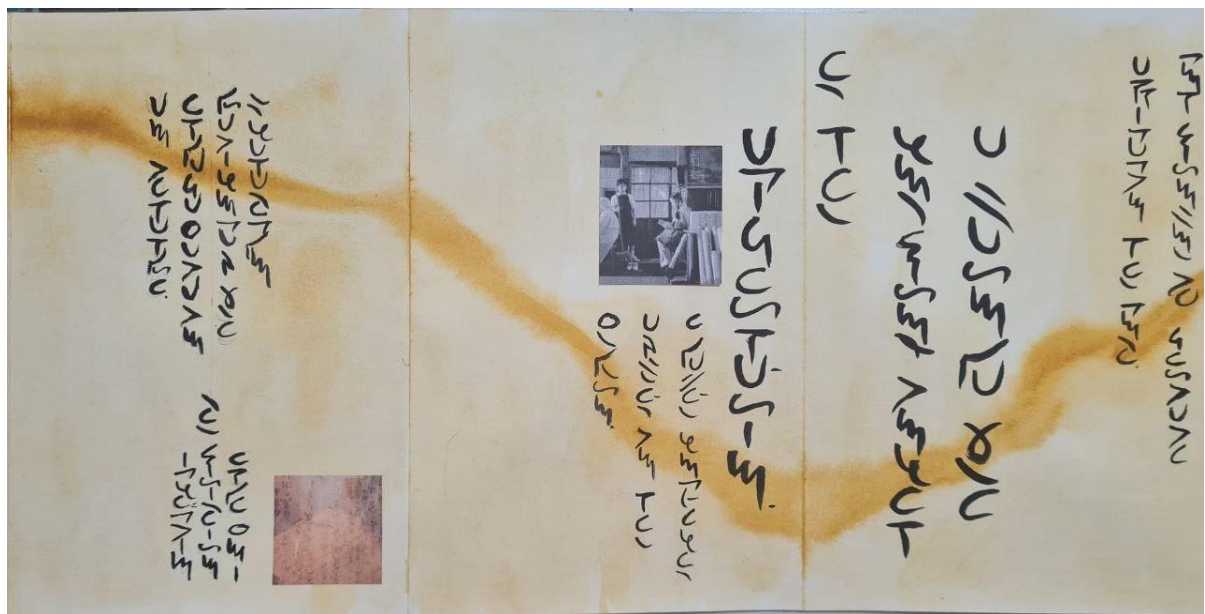


Figura 12: testes em novos papéis para impressão das fotos e posicionamento dos textos

Este foi o resultado que cheguei e que se adequou ao que eu imaginara, então em todo o livro foi usada essa mesma técnica.

4.6.2 CAPA

No filme sempre há a presença de um livro vermelho que acredito ser o diário de cabeça de Nagiko, então trouxe a mesma estética para a realidade e acredito que faz um link bom com os detalhes em vermelho no interior do livro.

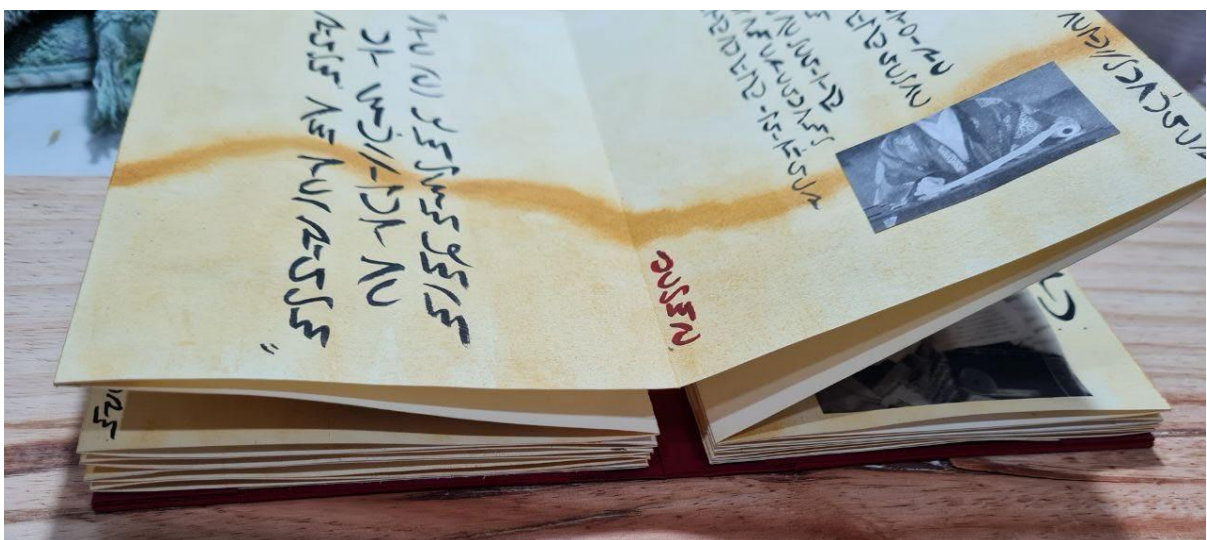


Figura 13: teste de funcionalidade da capa



Figura 14: teste de funcionalidade da capa

A capa possui essas luvas nas bordas para poder segurar o livro e possibilitar de que a pessoa consiga segura-lo com uma mão só sem cair por inteiro, e o fato de não ser fixo permite que o livro seja retirado e aberto completamente e lido em ordens diferentes usando a sobreposição que a dobra de sanfona permite ou até mesmo em sequência, mas completamente aberto para uma visualização por inteiro.

5 RESULTADO

Para consultar o resultado final no primeiro link possui fotos de todo o trabalho e o segundo e terceiro links possuem dois vídeos para uma melhor compreensão de como é a dinâmica da troca de páginas com a estrutura da sanfona.

Fotos:

<https://drive.google.com/file/d/1DwskOgXZpcTakUoV2611AMJ3e0YiLJkk/view?usp=sharing>

Vídeo 1: <https://drive.google.com/file/d/1B46YDs-CsrA73cvGWrW7j8KqgwL5Ha0m/view?usp=sharing>

6 CONCLUSÃO

O corpo de Nagiko, assim como seu livro de cabeceira, foram feitos para serem desbravados, apreciados, lidos e amados. O processo desse livro mostrou que o que Nagiko buscava estava nela mesma, um bom calígrafo e um ótimo amante, mas ela só se encontrou quando começou a escrever, e a amar.

O corpo só se torna real e perfeito quando você se perde dele, quando deixa de ser ideia fixa e passa a ser a viagem. Precisa ser tocado para que se sinta as palpitações do coração, ou no caso do livro-corpo, o barulho dos dedos arrastando pelas páginas.

7 REFERÊNCIAS

7.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013

SHONAGON, Sei. **O Livro do Travesseiro**. 2nd ed. São Paulo: Editora 34, 2013

SILVEIRA, P. **A página violada** : da ternura à injúria na construção do livro de artista [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

7.2 OUTRAS REFERÊNCIAS

ESCREVER EM CORPOS, ESCREVER NO PAPEL. Disponível em: <<http://sergiotelles.com.br/escrever-em-corpos-escrever-no-papel/>>. Acesso em 22/02/2021

GREENAWAY, P. “**O Livro de Cabeceira**”. Finlândia, 1996.

O que é um livro de artista? Disponível em: <<https://medium.com/@glassesfox/oqueé-um-livro-de-artista-54c256cd38a9>>. Acesso em 21/02/2021

SEI SHONAGON. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sei_Shōnagon>. Acesso em 21/02/2021